

Fabia Livia de Carvalho

Quem sou

Sou antes de tudo uma artista. Aos 5 anos, Tia Vanira que era artista, me presenteou com um envelope de tecido branco onde ela "desenhou e pintou" meu nome em letras góticas e me disse: "Seu nome é lindo! É nome de artista".

Não creio que foi por isso que me tornei o que sou. Mas foi n'aquele momento que me coloquei nos trilhos rumo ao mundo das artes. Se me perguntam o que é ser um artista, eu então digo que ao meu ver não é apenas ser capaz de pintar, desenhar, esculpir ou inventar engenhocas que se movimentam.

Ser artista é antes de tudo se fazer capaz de reinventar a vida, dá a luz e alma à própria cria, sem as quais a Arte não transcenderia.

Ser artista é dá nó em pingo d'água, é lutar para construir a própria verdade sem desconsiderar e desrespeitar a verdade do outro e sem fechar os olhos para o mundo ao redor.

Certamente não é a profissão dos Deuses que eu escolhi, mas talvez a das fadas, aquele personagem que eu sempre quis ser porque elas têm o poder de fazer.

O que faço

Nada com vara de condão, mas com muito esforço e determinação.

A infinita fiadeira

(A aranha ateia diz ao aranho na teia: o nosso amor está por um fio!)

A aranha, aquela aranha, era tão única: não parava de fazer teias! Fazia-as, mas não lhes dava utilidade. O bicho repaginava o mundo. Contudo, sempre inacabava as suas obras. Ao fio e ao cabo, ela já amealhava uma porção de teias que só ganhavam senso no rebrilho das manhãs.

E dia e noite: dos seus palpos primavam obras, com belezas de cacimbo gotejando, rendas e rendilhados. Tudo sem fim nem finalidade. Todo o bom aracnídeo sabe que a teia cumpre as fatais funções: lençol de núpcias, armadilha de caçador. Todos sabem, menos a nossa aranhinha, em suas distraçoeras funções.

Para a mãe-aranha aquilo não passava de mau senso. Para quê tanto labor se depois não se dava a indevida aplicação? Mas a jovem aranhinha não fazia ouvidos. E alfaiatava, alfinetava, cegava os nós. Tecia e retecia o fio, entrelaçava e reentrelaçava mais e mais teia. Sem nunca fazer morada em nenhuma. Recusava a utilitária vocação da sua espécie.

- Não faço teias por instinto.
- Então, faz porquê?
- Faço por arte.

Benzia-se a mãe, rezava o pai. Mas nem com preces. A filha saiu pelo mundo em ofício de infinita teceloa. E em cantos e recantos deixava a sua marca, o engenho da sua seda. Os pais, após concertação, a mandaram chamar. A mãe:

- Minha filha, quando é que assentas as patas na parede?

E o pai:

- Já eu me vejo em palpos de mim...

Em choro múltiplo, a mãe limpou as lágrimas dos muitos olhos enquanto disse:

- Estamos recebendo queixas do aranha.

- O que é que dizem, mãe?

- Dizem que isso só pode ser doença apanhada de outras criaturas.

Até que se decidiram: a jovem aranha tinha que ser reconduzida aos seus mandos genéticos. Aquele devaneio seria causado por falta de namorado. A moça seria até virgem, não tendo nunca digerido um machito. E organizaram um amoroso encontro.

- Vai ver que custa menos que engolir mosca - disse a mãe.

E aconteceu. Contudo, ao invés de devorar o singelo namorado, a aranha namorou e ficou enamorada. Os dois deram-se os apêndices e dançaram ao som de uma brisa que fazia vibrar a teia. Ou seria a teia que fabricava a brisa?

A aranha levou o namorado a visitar a sua coleção de teias, ele que escolhesse uma, ficaria prova de seu amor.

A família desiludida consultou o Deus dos bichos, para reclamar da fabricação daquele espécime. Uma aranha assim, com mania de gente? Na sua alta teia, o Deus dos bichos quis saber o que poderia fazer. Pediram que ela transitasse para humana. E assim sucedeu: num golpe divino, a aranha foi convertida em pessoa. Quando ela, já transfigurada, se apresentou no mundo dos humanos logo lhe exigiram a imediata identificação. Quem era, o que fazia?

- Faço arte.

- Arte?

E os humanos se entreolharam, intrigados. Desconheciam o que fosse arte. Em que consistia? Até que um, mais-velho, se lembrou. Que houvera um tempo, em tempos de que já se perdera memória, em que alguns se ocupavam de tais improdutivos afazeres. Felizmente, isso tinha acabado, e os poucos que teimavam em criar esses pouco rentáveis produtos - chamados de obras de arte - tinham sido geneticamente transmutados em bichos. Não se lembrava bem em que bichos. Aranhas, ao que parece.

Fonte: Mia Couto, *A infinita fiadeira*, in: *O fio das missangas*, São Paulo 2009, Pag. 73 -75